

## **CONEXÕES: IMAGEM E SAGRADO, VERBO E SEGREDO NAS OBRAS DE CLARA FERNANDES**

Rosângela Miranda Cherem / Universidade do Estado de Santa Catarina

### **RESUMO**

O texto aborda um conjunto de nove trabalhos de Clara Fernandes apresentados na exposição Epifânicas, que ocorre em Florianópolis em junho de 2015. Em cada um deles reverberam conexões entre a imagem e o sagrado, a revelação e o silêncio. Igualmente compartilham sensibilidades e percepções advindas desde a pintura pré renascentista de Frangélico e a densidade devocional das esculturas de Donatello, até performances de Marina Abramovich, passando por certas pinturas simbolistas e surrealistas. Os materiais utilizados, como o modo com que são trabalhados, remetem ao predomínio de verticalidade, leveza e flutuação. Proveniente de um conjunto de leituras e reelaborações sobre textos bíblicos e de mitologia, a artista demanda uma dimensão associada ao enigma da morte e ao fascínio pela eternidade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

arte contemporânea; Clara Fernandes; imagem; textualidade; epifania.

### **ABSTRACT**

This paper addresses a set of nine Clara Fernandes of papers presented at Epifânicas exhibition, which takes place in Florianopolis in June 2015. In each connections between the image and the sacred, the revelation and the silence reverberate They also share sensibilities and perceptions arising from pre- Renaissance painting of Frangelico and devotional density of Donatello sculptures, to performances of Marina Abramovich, going through certain symbolist and surrealist paintings. The materials used, such as the way in which they are used, refer to the predominance of verticality, lightness and buoyancy. From a set of readings and re-elaborationsworkings on biblical texts and mythology, the artist demands a dimension associated to the riddle of death and fascination for eternity.

### **KEYWORDS**

contemporary art; Clara Fernandes; image; textuality; epiphany.

O ponto de partida desta reflexão é uma exposição intitulada Epifânicas (1), onde Clara Fernandes (2) apresenta uma série de obras distribuídas em quatro espaços contíguos do Espaço Cultural BADESC em Florianópolis, SC. Num deles encontra-se **PLANO** (150 x 240 x 2 cm, 2015), tapete-cortina-painel composto de paina de embiruçu e papel craft sobre trama de poliéster e palha. Nele parece reverberar um texto indecifrável, cujo verbo se faz silêncio, sendo que seu alcance só ocorre pela compreensão da própria temporalidade que se encarrega de evanescer as cores, igualando-as, por um lado, e tornando-as mais sutis, por outro. Assim, efêmero e perene, homogêneo e distinto parecem misturar-se como pequenos segredos murmurados sobre o tempo.



Clara Fernandes (1955 – )  
*Plano*, 2015

Paina de embiruçu e craft sobre trama de polyester e palha de seda, 150 x 240 x 2 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)

No espaço seguinte, sobre suporte de madeira, encontra-se **LIVRO** (60 x 120 x 30 cm, 2015), composto de manuscritos e desenhos feitos a partir de croquis que, embora referenciados em textos bíblicos, não se pretendem nem como tautologia e nem como legenda dos mesmos. Em **MANTO** (150 cm, circular x 290 cm, 2010) observa-se uma trama em linho, poliéster e pele de mink, pendurada no teto e que desce e se esparrama delicadamente pelo chão. Detalhe importante, aquilo que era um elemento de cobertura da realeza e indicação de superioridade social tem aqui um aspecto gasto e esfarrapado, revelando uma decadência, mas também uma ressignificação do que vem a ser nobre. Em **DERRAMADOS** (10 peças de 110 x 10 x 10 cm aproximadamente cada uma, 2015), tramados de paina de embiruçu e metal compõem estranhas formas de vagens-buques-lágrimas. Em seu conjunto, os objetos deste ambiente acolhem extraordinário e banal, sagrado e profano, não como atributos complementares e ambíguos, mas como coexistentes e paradoxais.



Clara Fernandes (1955 – )  
*Livro*, 2015

Livro de desenhos sobre suporte de madeira, 60 x 120 x 30 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)



Clara Fernandes (1955 – )  
*Manto*, 2010  
Trama em linho, poliéster e mink 150 cm, circular x 290 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)



Clara Fernandes (1955 – )  
*Derramados*, 2015  
Paina de embiruçu e metal, 10 peças de 110 x 10 x 10 cm aprox. cada  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)

Na continuidade, chega-se ao espaço em que comparecem tramas em metal e seda, sendo que uma se intitula **VESTAL** (80 x 290 x 80 cm, 2013) e constitui-se num vestido muito extenso e engessado e a outra se intitula **ENFRENTADOS** (300 x 100 x 200 cm, suporte de madeira. 2015), instalação composta de duas cadeiras, cujo encosto acolhe uma estranha vestimenta com asas, sendo que na parede situada atrás das mesmas um texto enigmático lembra uma escrita selvática ou angélica, oriunda de língua não domesticada pelos ouvidos e nem dominada pelos olhos humanos.



Clara Fernandes (1955 – )  
*Vestal*, 2013  
Trama em metal, seda e gesso, 80 x 290 x 80 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)



Clara Fernandes (1955 – )  
*Enfrentados*, 2015

Trama em metal e seda sobre suporte de madeira, 300 x 100 x 200 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)

No último espaço encontra-se **CHALAVAR** (100 cm circular x 270 cm de altura, 2013), trama de metal, galhos e poliéster formando uma espécie de cestovagem, em cujo interior estão sementes de sibipiruna que gradativamente se desprendem de suas estruturas e se espalham pelo chão delimitado por um círculo metálico que as acolhe evitando que se dispersem. Também avista-se o estranho e oco vulto de um corpo denominado **MORFHOSE** (80 x 80 x 170 cm de altura, 2015) feito com linho, metal e gesso, galhos de videira e barba de velho (*Tlansya*, bromélia); além de **MADONA** (55 x 100 x 50 cm, 2015), objeto- espartilho- bustiê feito com uma trama em metal e seda sobre suporte de madeira. Deve ser destacado que tanto os materiais utilizados como a forma com que os mesmos são trabalhados parecem contemplar as indistinções entre inacabado e concluso, aludindo ao vestígio de algo que se faz presença através de uma sorte de vazio e ausência.



Clara Fernandes (1955 – )  
*Chalavar*, 2013

Trama de metal e poliéster, galhos e sementes de sibipiruna e aro de ferro,  
100 cm circular x 270 cm de altura  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)



Clara Fernandes (1955 – )  
*Morphose*, 2015

Linho, metal e gesso, galhos de videira e barba de velho, 80 x 80 x 170 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)



Clara Fernandes (1955 – )  
*Madona*, 2015

Trama em metal e seda sobre suporte de madeira, 55 x 100 x 50 cm  
Acervo da artista, Florianópolis (SC)

Ocorre que nos estranhos objetos e tramas que compõem estes ambientes, o que predomina é uma direção de verticalidade, leveza e flutuação, permitindo que uma presença divinal ou conexão celeste se insinue. Proveniente de um conjunto de leituras e reelaborações sobre textos bíblicos e de mitologia, a artista referencia plástica e metaforicamente a presença de deuses e santos, musas e anjos. Assim, nos leva a refletir que, para além das necessidades fisiológicas e de consumo, afetivas, emocionais e estéticas, uma parte que não é corpo e nem mente, e que podemos chamar espírito, demanda uma dimensão que se lança para além de nós mesmos, associada ao enigma da morte e ao fascínio pela eternidade.

Sabemos que, ao longo da experiência humana, esta demanda foi confiscada pelas mais diferentes instituições e doutrinas religiosas, sendo que a mesma se desdobra em noções como sagrado, milagre, salvação, dentre outras. Frequentemente aqueles que deslindam tais noções podem sentir-se como



quem está sendo soprado pelo hálito divino, testemunhando a abertura de um portal que define não somente o presente, mas também permite reescrever o tempo que precedeu e redesenhar o porvir. Não é por acaso, que uma imagem recorrente das narrativas que se debruçam sobre este tema tem a ver com uma fenda que se abre, através da qual um ser supremo se dirige aos humanos.

É assim que, num mundo que já há tempos foi considerado como abandonado pelos deuses e ausente de Deus, os conceitos de revelação e graça encontram ressignificações e equivalências com os de Epifania (chegada dos magos em Belém) e Salvação (batismo de Jesus no Rio Jordão). Segundo a liturgia cristã, os magos viram uma estrela distante e a seguiram numa longa viagem. Sem saber do que se tratava, simplesmente acompanharam o movimento do astro até alcançar um sentido para este percurso incerto. Quer obedecendo uma profecia, ou seja, acreditando reconhecer algo que os profetas já haviam predito, ou cumprindo o impulso íntimo e intuitivo de uma premonição, possivelmente não eram simples peregrinos em direção à algum ponto, marco ou evento sabido e devem ter enfrentado em sua jornada mtas dúvidas, riscos e errâncias. Conforme a narrativa bíblica, haveria algo insuspeito e surpreendente a ser buscado e que seria reconhecido no instante sagrado do encontro.

Impossível ignorar o cansaço e a saudade que devem ter sentido de casa, mas especialmente há que destacar um dado comovente: depois de tudo, apesar dos prováveis percalços e adversidades, os três viajantes ainda tinham o que oferecer e presentear quando reconheceram chegar a seu destino. Traziam ao deus menino ouro, metal associado à realeza e à divindade; incenso, associado aos benefícios olfativos que afastavam os odores mortíferos; além de mirra, planta associada à imortalidade. Assim, a chegada dos magos a Belém tem a ver com um sentido revelador que ilumina todo um caminho percorrido, sendo que a revelação relaciona-se a uma obstinada e inexplicável certeza que alimentou toda a empreitada, sendo que a graça deve ter sido o imenso contentamento, a alegria da confirmação cintilante e jubilosa nascida no exato momento do encontro.

Mas se Epifania parece um conceito que serviu para realçar ainda mais o evento associado aos chamados reis magos que, seguindo uma estrela chegaram ao deus menino, também parece funcionar para criar um tipo singular junto ao mais comum e falível dos mortais que busca seguir a estrela de seu destino, embora não saiba bem qual a direção tomar e o porquê da empreitada. Num tempo movido a insignificâncias hipervalorizadas, vulgaridades e banalidades midiáticas, como reconhecer o instante em que uma estrela cruza nosso destino e saber que devemos simplesmente segui-la? Esta estrela não poderia ser pensada também como uma metáfora do desejo que nos projeta para longe das nossas garantias?

A busca da felicidade não seria uma forma de buscar um tipo de revelação? Mas se é assim, por que ela sempre parece escapar? Ou ela estava no passado e não estávamos preparados para ela ou brilha no futuro e ainda precisamos percorrer um caminho para alcançá-la. Mas e se ela estiver aqui e for possível abraçá-la hoje? Se assim for, reconhecê-la no tempo em que ela está ocorrendo e saber agarrá-la não seria viver a própria revelação? E não seria esse, afinal, um tipo de reverberação que aguarda o espectador diante da obra de Clara Fernandes?

Bem verdade que ao conceito de Epifania, sucede a noção de Salvação, relacionada a João Batista, profeta que anunciou a chegada do Messias até o dia em que humildemente o reconheceu nas águas do Rio Jordão e cuja presença foi reafirmada através da uma voz divina vinda dos céus para apresentar seu filho. Assim são três os momentos que o profeta protagonizou: a pregação, o reconhecimento e o milagre da confirmação do Salvador. O evento em que esta narrativa culmina corresponde ao ritual de batismo e se inscreve no calendário litúrgico como um ponto final que corresponde desde o nascimento do filho de deus, iniciado com o advento, seguido pela natividade e a epifania.

Por sua vez, podemos considerar a ocasião deste banho coletivo como sendo de iniciação a um conjunto de crenças, cuja finalidade é a esperança de que podemos nos tornar melhores, ultrapassar a condição defectível e falível que marca nossa humanidade em busca de consolo e alegria alimentada na graça

do convívio entre os que partilham as mesmas esperanças. Trata-se da redefinição de um lugar no mundo, uma renovação ou renascimento que lança os humanos para além de sua precária, sombria e melancólica existência. E não é este afinal, o significado da Salvação que ainda hoje, crentes e devotos ou não, ainda buscam? Perscrutando estas crenças inscritas em nossa cultura há cerca de dois mil anos, nelas podemos reconhecer nossas marcas mais profundas, embora só raramente alguns artistas sejam capazes de tangenciá-las. E não seria esse, afinal, um outro tipo de reverberação que aguarda o espectador diante da obra de Clara Fernandes?

Vale lembrar que associado ao conceito de Epifania como revelação, houve um longo debate sobre a hora do dia em que a mesma aconteceu. Na tradição cristã a Hora do Angelus lembra o contato do anjo com Maria para anunciar sua milagrosa gravidez. Por muitos séculos, no começo, meio e final do dia, o sino das igrejas lembrou este momento em que o sagrado se aproximou do humano para instaurar a esperança no que viria. Considerando este encontro entre o humano e o divino, o instante e a eternidade inúmeros artistas tentaram dar conta deste momento.

A cena da Anunciação foi recorrentemente abordada desde a pintura pré-renascentista de Frangélico, passando pelo olhar meticuloso de Leonardo da Vinci. A densidade devocional desta hora também foi abordada desde uma escultura de madeira feita por Donatello, apresentando uma Madalena envelhecida e com as mãos postadas em fervorosa oração, até uma performance em que Marina Abramovich referencia a levitação de Santa Teresa. A Hora do Angelus de Millet, mas também O Império das luzes de Magritte parecem destacar o eterno mistério deste instante em que a efemeridade é suspensa quando o tudo e o nada se cruzam.

Bem verdade que, embora vivendo em épocas tão diversas, o que parece interessar a muitos destes artistas tem a ver com uma compreensão não propriamente religiosa no sentido instituído ou institucional, mas com modo de olhar para um momento repleto de possibilidades em que tudo pode acontecer. Assim, cabe perguntar se esta ocasião não poderia ser considerada como uma

metáfora propícia para perceber as conexões entre imagem e sagrado, verbo e segredo que se inscrevem em certas obras de arte. Seguindo este fio reflexivo, também cabe reconhecer certa intensidade que se instala na vida do mais comum dos mortais, nos momentos em que uma quietude indefinida, irrepetível e plena se faz presente, enquanto ao redor as coisas como se tornam imprecisas ou desaparecem... Se assim for, não seria este afinal o raio que cintila nas obras de Clara Fernandes, particularmente na exposição denominada Epifânicas?

### Notas

<sup>1</sup> Exposição selecionada através de edital, apresentação no Espaço Cultural Badesc, em junho de 2015 em Florianópolis, desdobrada em outras três cidades de Santa Catarina por conta da aprovação em outro edital (Elisabete Anderle- Fundação Catarinense de Cultura) sob título **Epifânicas em circulação**, todas com curadoria de Rosângela Miranda Cherem.

<sup>2</sup> Clara Fernandes nasceu em São Paulo em 1955, vive e trabalha como artista plástica em Florianópolis, SC.

### Referências

Nancy, Jean- Luc. *Arquivada. Do senciante e do sentido*. São Paulo, Iluminuras, 2014, p.53 a 79.

COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2010, p. 09 a 40.

BRUNO, Giordano. *Os vínculos*. São Paulo, Hedra, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In: *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento. Ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pag. 243 a 254.

### Rosângela Miranda Cherem

Profa. Associada de História e Teoria da Arte no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na UDESC; orienta, possui pesquisas e publicações sobre História das Sensibilidades e Percepções Modernas e Contemporâneas; desenvolve pesquisa intitulada *Maneiras de arquivar, modos de experimentar, paradoxos e singularidades do gesto artístico na contemporaneidade*.